

Desafios metodológicos nos estudos de movimentos sociais: uma revisão de trabalhos apresentados em eventos científicos (2011-2020)

Matheus Mazzilli Pereira¹
Monika Weronika Dowbor²
José Eduardo Leon Szwako³

Resumo

Nos últimos anos, o campo de estudos sobre movimentos sociais no Brasil tem se revitalizado a partir de novas problemáticas empíricas e teóricas. Diante desse cenário, este artigo propõe as seguintes questões: quais métodos e técnicas de pesquisa têm sido mobilizados por pesquisadoras de movimentos sociais e como eles têm sido apresentados e discutidos na produção acadêmica sobre esse tema? Quais são os desafios metodológicos para o estudo de movimentos sociais no Brasil contemporâneo? Para responder a essas questões, este artigo propõe uma revisão sistemática dos textos apresentados em GTs e STs dedicados a essa temática nos Encontros Anuais da ANPOCS e nos CBS realizados entre 2011 e 2020. Os resultados indicam que os *papers* analisados tendem

- 1 Professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Sociologia (UFRGS) e com Pós-Doutorado pelo CEBRAP. E-mail: matheus.mazzilli@ufrgs.br. ORCID: orcid.org/0000-0003-2817-0856
- 2 Professora visitante do Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas e coordenadora do Núcleo Democracia e Ação Coletiva (NDAC) do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). Doutora em Ciência Política (USP) e com Pós-Doutorado no Centro de Estudos da Metrópole (CEM). E-mail: mdowbor@gmail.com. Orcid: orcid.org/0000-0002-1845-046X
- 3 Professor e pesquisador do IESP-UERJ, doutor em Ciências Sociais (Unicamp), com Pós-Doutorado pela UFPR. E-mail: zeszwako@iesp.uer.br. Orcid: orcid.org/0000-0002-4764-6533



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

a apresentar baixa transparência na exposição de suas escolhas teórico-metodológicas e baixa diversidade metodológica, concentrando-se em estudos qualitativos e priorizando o uso da observação, da pesquisa documental e das entrevistas.

Palavras-chave: Metodologia. Movimentos sociais. Métodos. Técnicas.

Introdução

A constituição do campo de estudos sobre movimentos sociais no Brasil remonta as décadas de 1970 e 1980, período no qual a emergência dos chamados “movimentos sociais urbanos” e de outros atores coletivos contestatórios, diante da transição do regime autoritário para a democracia, tornou-se um importante tema de investigação das ciências sociais no país. Após relativo declínio dessa temática na década de 1990, ao longo das duas primeiras décadas do novo milênio observa-se um crescente interesse das ciências sociais brasileiras na temática dos movimentos sociais, dando origem a uma revitalização do campo de estudos a ela dedicado (SZWAKO; DOWBOR; ARAÚJO, 2020; SILVA, 2010).

Do ponto de vista empírico, esse processo esteve fortemente associado à eclosão do ciclo de protestos de 2013, bem como à crescente influência de movimentos progressistas sobre políticas públicas em nível federal. Do ponto de vista teórico, esse processo foi potencializado pelo diálogo com novas e plurais perspectivas teóricas, desde aquelas preocupadas com um aprofundamento da compreensão das relações entre Estado e movimentos sociais (ABERS, 2021; GURZA LAVALLE *et al.*, 2019) chegando àquelas preocupadas com as raízes e consequências estruturais da mobilização coletiva diante de transformações na economia e na política globais (ROSSI, 2023).

Nos últimos anos, portanto, observa-se a emergência de novos problemas empíricos no campo de estudos de movimentos sociais, bem como o diálogo com conceitos e abordagens que permitem a formulação de novas problemáticas teóricas. A partir da emergência desse novo conjunto de questões nesse campo, são necessários tanto o uso quanto o desenvolvimento de métodos e técnicas de pesquisas capazes de abranger tais problemáticas. Ao mesmo tempo, sabe-se do tratamento secundário, em geral, dado às disciplinas metodológicas em cursos de ciências sociais (BARBERIA; GODOY; BARBOZA, 2014).

É diante desse cenário que esse artigo propõe as seguintes questões: quais métodos e técnicas de pesquisa têm sido mobilizados por pesquisadoras de movimentos sociais e como eles têm sido apresentados e discutidos na produção acadêmica sobre esse tema? Quais são os desafios metodológicos para o estudo de movimentos sociais no Brasil contemporâneo?

Para responder a essas questões, realizamos uma revisão sistemática dos *papers* apresentados nos grupos de trabalho (GT) e seminários temáticos (ST) dos Encontros Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e dos Congressos Brasileiros de Sociologia (CBS). Buscamos observar quais procedimentos metodológicos foram adotados pelas pesquisadoras e de que forma eles foram explicitados nos textos.

Em linhas gerais, identificamos que os artigos tendem a ocultar grande parte dos procedimentos metodológicos utilizados ao longo da pesquisa empírica e constatamos uma baixa diversidade metodológica entre os artigos analisados. A partir desses dados, concluímos que dois desafios metodológicos se apresentam para o campo de estudos sobre movimentos sociais no Brasil: tratar de maneira mais aprofundada, rigorosa e transparente os procedimentos metodológicos da investigação e ampliar o leque de ferramentas metodológicas que são empregadas em pesquisas nessa área, possibilitando a investigação de problemáticas mais diversas.

Nosso artigo está dividido da seguinte maneira. Primeiramente, apresentamos os métodos e as técnicas adotados em nossa revisão da literatura. A seguir, descrevemos os dados relativos à forma de apresentação dos procedimentos metodológicos adotados pelos textos analisados. Logo após, apresentamos os resultados acerca dos tipos de abordagens, métodos e técnicas utilizados pelas pesquisadoras. Por fim, traçamos nossas considerações finais com base nos resultados da revisão.

Dados e métodos

Este artigo propõe uma revisão sistemática da literatura brasileira sobre movimentos sociais na última década (2011-2020), sob o ponto de vista metodológico, tendo como base os textos apresentados em GT e ST dedi-

cados a essa temática nos Encontros Anuais da ANPOCS e nos CBS⁴ realizados nesse período. Nossa análise se restringe aos textos disponibilizados na íntegra nos sites oficiais desses eventos, excluindo, além dos textos não enviados pelos autores aos anais dos eventos, os artigos cujos *links* de acesso estavam com algum tipo de falha. O banco de dados relativo aos Encontros Anuais da ANPOCS foi elaborado em pesquisa prévia cujos resultados foram explorados por Pereira e Silva (2022). Já o banco de dados relativo aos CBS foi elaborado pelos autores deste artigo de forma específica para a presente pesquisa.

Entre os trabalhos que se dedicam a compreender o uso de métodos nas ciências sociais, encontramos o uso de uma variedade de instâncias empíricas, entre as quais as ementas de disciplinas (THIES; HOGAN, 2015), as percepções de alunos (MURTONEN; LEHTIN, 2015), os artigos de revistas científicas (NEIVA, 2015; NICOLAU; OLIVEIRA, 2017), bem como as teses e dissertações (SAINZ; SILVA; CODATO, 2022). Nosso foco nos congressos talvez seja menos ortodoxo; mas, com isso, imaginamos capturar um espectro mais amplo de produção acadêmica ao incluir trabalhos de pós-graduandos e, portanto, selecionando a relação de impacto mais imediato entre o ensino de métodos e seu uso.

Cabe ressaltar, desde já, que os anais do CBS de 2013 não estavam disponíveis para acesso ao longo do período de realização da pesquisa; portanto, essa edição do congresso não consta em nossa análise. Também ressaltamos que, nos anais da edição de 2019 dos Encontros Anuais da ANPOCS, apenas os resumos foram disponibilizados; por isso, esse evento também foi excluído da análise. As edições dos GT e ST e o número de artigos analisados em cada caso são sumarizados no Quadro 1:

4 No CBS em 2015 e 2017, havia ainda outro GT sobre o tema voltado especificamente a movimentos sociais rurais. Para equalizar com a análise dos Encontros Anuais da ANPOCS e para captar maior abrangência de campos, optamos por selecionar o mais genérico.

Quadro I – Descrição do *corpus* da revisão bibliográfica

Ano:	GT:	Nº de artigos:	Cód. Pesq.
Encontros Anuais da ANPOCS			
2014	GT14 – Entre as ruas e os gabinetes: institucionalização e contestação nos movimentos sociais latino-americanos	11	1
2015	GT14 – Entre as Ruas e os Gabinetes: institucionalização e contestação nos movimentos sociais latino-americanos	10	1
2016	ST13 – Entre as ruas e os gabinetes: institucionalização e contestação nos movimentos sociais	8	1
2017	GT11 – Entre as Ruas e os Gabinetes: institucionalização e contestação nos movimentos sociais	11	1
2018	GT11 – Entre as Ruas e os Gabinetes: institucionalização e contestação nos movimentos sociais	8	1
Congressos Brasileiros de Sociologia			
2011	GT13 – Movimentos Sociais na Atualidade: reconfigurações das práticas e novos desafios teóricos	15	1
2015	GT16 – Movimentos Sociais Contemporâneos	25	2
2017	GT22 – Movimentos Sociais Contemporâneos	16	1
2019	GT22 – Movimentos Sociais Contemporâneos	26	3

Fonte: Elaboração própria.

Vale ressaltar algumas diferenças na dinâmica dos grupos de trabalho em ambos os Congressos. Os GTs do CBS são organizados em múltiplas sessões – o de 2015, por exemplo, teve 6 sessões com 6 apresentações em cada uma delas – enquanto os GTs e ST dos Encontros Anuais da ANPOCS funcionaram até 2019 em 3 sessões com 5 apresentações em cada uma. Essa diferença impacta a capacidade de inclusão de propostas nos grupos, maior no caso do CBS. Em função disso, maior diversidade de formatos de propostas deve ser esperada nesse caso. Ambos os espaços são coordenados por grupos acadêmicos de perfis teóricos diferentes, o que também pode influenciar o processo de seleção.

O desenho da presente investigação foi parcialmente inspirado em experiências de pesquisa prévias de autores deste artigo (SZWAKO; DOWBOR; ARAÚJO, 2020), ainda que com significativas modificações

e expansões. Realizamos uma análise de conteúdo dos textos através de dois conjuntos de variáveis. O primeiro desses conjuntos se refere à forma de apresentação da metodologia nos artigos, sendo composto por cinco variáveis dicotômicas (exceto pela última): a) presença de seção metodológica; b) explicitação dos métodos; c) explicitação das técnicas de produção de dados (também chamadas técnicas de coleta de dados); d) explicitação das técnicas de análise dos dados e; e) presença de referências metodológicas.

Em relação à primeira delas, consideramos que o artigo apresentava uma seção metodológica apenas quando incluía uma subdivisão no texto dedicada à exposição de dados, métodos e técnicas empregados no trabalho. Em relação às três variáveis seguintes, consideramos que o artigo apresentava esses elementos quando os mencionava explicitamente, mesmo que fora de uma seção metodológica ou em nota de rodapé.

Aqui partimos da distinção entre “métodos” e “técnicas” apresentada por Cano (2012, p. 107), que sugere que

[...] métodos seriam estratégias de produção de conhecimento científico, incluindo a geração e a validação de teorias. Técnicas seriam formas padronizadas de coleta e análise de dados, com a mesma finalidade, a de produzir conhecimento válido.

Dentre os métodos recorrentes no campo de estudo de movimentos sociais é possível mencionar, por exemplo, os estudos de caso, as etnografias e as análises de evento de protesto.

Distinguimos, ainda, entre técnicas de produção e de análise de dados. Técnicas de produção (comumente denominadas de técnicas de “coleta”) são aquelas utilizadas pelas pesquisadoras para reunir um conjunto de evidências empíricas no processo de investigação, tais como entrevistas e observações. Já as técnicas de análise são aquelas utilizadas para extrair, de forma sistemática, sentido dos dados reunidos, por exemplo, análises de conteúdo e de discurso no caso de abordagens qualitativas e análises de frequência ou de regressão no caso de abordagens quantitativas.

Já no que se refere à última variável desse conjunto, analisamos se as autoras incluíam referências metodológicas em seus estudos, ou seja, se faziam referências a manuais ou estudos metodológicos. Como identificamos

que, em alguns casos, referências eram incluídas ao final do texto sem, contudo, serem citadas ao longo do artigo, nós incluímos, em nossa análise, apenas as referências que eram devidamente citadas ao longo do texto.

O segundo conjunto de variáveis deste estudo se dedicou à análise das características dos procedimentos metodológicos adotados pelas autoras, sendo constituído pelas seguintes variáveis: a) tipo de artigo; b) abordagem; c) método; d) técnica de produção; e) técnica de análise. Na primeira dessas variáveis, distinguimos os artigos em quatro categorias definidas conforme a seguinte lista:

- i. **Pesquisa empírica original:** artigo que apresenta dados de pesquisa empírica original conduzida pela autora.
- ii. **Ensaio:** artigo que apresenta análises de fenômenos empíricos através da referência a dados empíricos secundários, articulando-os a determinado argumento ou referencial teórico.
- iii. **Revisão:** artigos que apresentam uma revisão – sistemática ou não – da literatura sobre determinado tópico.
- iv. **Teórico:** artigos que apresentam um argumento teórico original a respeito de determinado tópico, sem articulá-lo a um objeto empírico específico.

Já na segunda dessas variáveis, analisamos se o artigo apresentava uma abordagem qualitativa, quantitativa ou mista (qualiquantitativa). Consideramos quantitativos artigos que apresentavam como forma principal de demonstração dos argumentos dados quantificados. Foram considerados qualiquantitativos textos que utilizavam sistematicamente de forma alternada dados quantificados e não quantificados. Dessa forma, artigos que inseriam dados quantificados de forma isolada no texto (por exemplo, incluindo dados do Dieese sobre greves em determinado ano em meio a uma descrição etnográfica) foram considerados qualitativos.

Em relação ao método, consideramos apenas aqueles explicitados pelas autoras. Por exemplo, consideramos um “estudo de caso” apenas aqueles artigos que explicitamente definiam sua investigação como tal. O mesmo critério foi utilizado na variável relativa às técnicas de análise de dados.

Dessa forma, apenas consideramos que um artigo apresentava uma análise de conteúdo se nele havia menção explícita a essa técnica. É necessário ressaltar, ainda, que um artigo pode mobilizar de forma explícita mais de um método e de uma técnica de análise. Nesses casos, incluímos as duas observações.

Adotamos, porém, um critério mais flexível na variável relativa às técnicas de produção de dados. Aqui, além de incluímos técnicas explicitadas no texto, também incluímos técnicas referidas de forma indireta pelas autoras. Por exemplo, se em um artigo as autoras não indicaram, em nenhum momento, que realizaram entrevistas como técnica de produção de dados, porém, nele citaram trechos de entrevistas, incluímos essa observação em nosso banco de dados. Nesse caso, também é recorrente o uso de mais de uma técnica de produção de dados em cada artigo; nele, adotamos o mesmo critério adotado para as duas variáveis citadas anteriormente. Logo, o número de observações na análise desses dados é superior ao número total de artigos analisados.

O processo de codificação dos dados foi feito em equipe. Em uma primeira rodada, dividimos os GT e ST incluídos na pesquisa entre os três pesquisadores de acordo com os códigos inseridos na última coluna do Quadro 1. Após uma primeira rodada de codificação, o pesquisador responsável pela análise da maior parte do material realizou uma revisão dos demais dados, buscando identificar inconsistências. Uma vez identificadas, as inconsistências nos critérios adotados foram discutidas em conjunto pelos três pesquisadores. A partir dessas novas definições, uma segunda rodada de codificação foi realizada. Ressaltamos, desde já, contudo, a necessidade de inclusão de maiores controles dos vieses de codificação em próximas versões do estudo.

Os dados foram divididos em dois subgrupos relativos a cada um dos eventos e analisados por meio de estatísticas descritivas de frequência e análise longitudinal. A seguir, apresentamos descritivamente os resultados para cada um dos conjuntos de variáveis aqui apresentados.

Apresentando métodos e técnicas: a pesquisa como ilusionismo

As habilidades que devem ser cultivadas por um bom ilusionista são, em certo sentido, opostas às habilidades do cientista social. Diante de seu público, o ilusionista deve tirar um coelho da cartola sem deixar a audiência perceber *como* ele foi parar em suas mãos. Em outras palavras, o ilusionista deve apresentar os resultados de seus truques sem explicitar os métodos que lhe permitiram executá-lo. Para o cientista social, o oposto é verdade. Em um relatório de pesquisa – como um artigo científico – não basta ao cientista social mostrar o coelho fora da cartola, sendo também necessário explicitar, em detalhes, como o animal foi de lá retirado. Ou seja, o cientista social deve apresentar os resultados da pesquisa descrevendo os procedimentos metodológicos utilizados ao longo da investigação. Contudo, é comum que nós cientistas sociais (e quiçá cientistas de outras áreas) nos comportemos como ilusionistas.

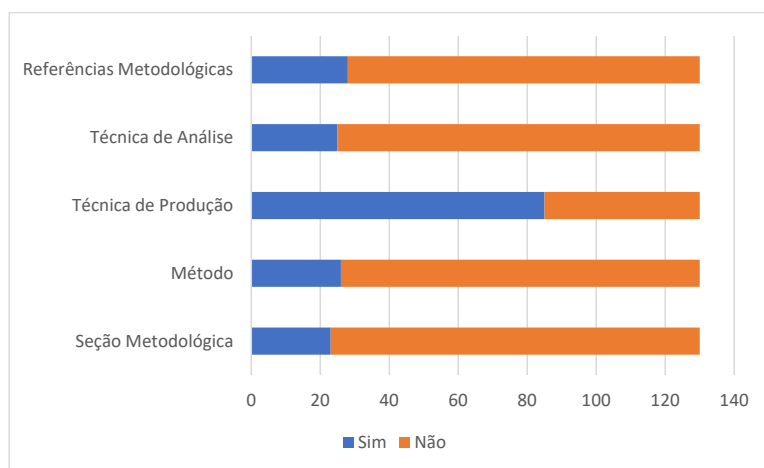


Figura 1 – Apresentação de métodos e técnicas

Fonte: Elaboração própria.

Conforme indica a Figura 1, quando são considerados ambos os eventos investigados, os artigos apresentados nos GT e ST sobre movimentos

sociais tendem majoritariamente a não explicitar seus métodos e suas técnicas de pesquisa. Paradoxalmente, exceção aqui é notada nas técnicas de produção dos dados, muito mais frequentemente expostas em comparação aos demais elementos metodológicos. Ou seja, em geral, os artigos sobre movimentos sociais apresentados nesses eventos tendem a resumir a metodologia às técnicas de produção, sem conectá-las a um método que dê sentido ao esforço de reunião de evidências empíricas e sem demonstrar o que é feito com esse conjunto de dados após sua produção de forma a deles extrair sentido. Embora o desenho metodológico de uma investigação seja composto por uma série de “camadas” de decisões das pesquisadoras, que envolvem desde a escolha de um método até a análise do material empírico reunido, em geral, essa complexidade é ocultada pelos textos, os quais tendem a resumir esse processo ao momento da coleta dos dados.

Exemplos típico-ideais desse tipo de desconexão entre técnica de coleta de dados, método e técnica de análise podem ser vistos, especialmente, mas não exclusivamente, em dois casos⁵. No caso da realização de observações, é escassa a discussão a respeito das implicações e relações que tal técnica mantém com o propósito mais amplo da pesquisa. Outro caso comum é o recurso a entrevistas que, no máximo, tendem a ser descritas em termos do seu público-interlocutor – se forem feitas com lideranças, com as bases ou com ambas. Nesses casos, raramente são descritos os procedimentos de análise dos dados, ocultando-se a perspectiva que a orientou (por exemplo, análise de conteúdo ou de discurso) e o eventual processo de construção de categorias e de codificação. Dessa forma, a menção a um ou a outro dispositivo técnico não caminha junto da necessária articulação a um método mais amplo, nem explicita os efeitos posteriores naquilo que diz respeito às estratégias de análise do material coletado *via* entrevista ou pesquisa de campo.

Seja como for, não associamos a qualidade do artigo à presença ou ausência desses critérios teórico-metodológicos. Quer dizer, não consideramos que um “bom” artigo científico necessariamente deve apresentar os cinco elementos que compõem esse conjunto de variáveis de forma explícita. Se

⁵ Esta menção típico-ideal a essas duas técnicas, embora esteja amparada no universo dos textos analisados, não reproduz um caso específico da desconexão aqui criticada.

o artigo se baseia, por exemplo, em dados secundários, as próprias fontes utilizadas podem dispor das informações metodológicas relevantes. Dessa forma, por vezes, a ausência de uma seção metodológica em um trabalho científico é plenamente justificável. Assim, não propomos aqui uma avaliação da qualidade individual de cada um dos artigos que compõem a amostra. Argumentamos, porém, que, quando tomada em um conjunto, a recorrência massiva da ausência de explicitação de diversos elementos que compõem os procedimentos metodológicos de uma investigação empírica atesta uma característica do campo que merece avaliação crítica: a baixa explicitação dos procedimentos metodológicos das investigações.

Os dados longitudinais aqui analisados, porém, indicam tendência no sentido de uma ampliação da transparência metodológica das pesquisas sobre movimentos sociais nos eventos analisados cuja continuidade ainda precisa ser confirmada por futuros estudos⁶. No caso dos artigos apresentados nos Encontros Anuais da ANPOCS, observa-se que nas edições de 2017 e 2018 há uma transformação nas variáveis observadas, ou seja, os textos passam a mais frequentemente conter uma seção metodológica (Figura 2), a explicitar seus métodos e suas técnicas de análise (Figuras 3, 4 e 5) e a fazer referência a estudos ou manuais de metodologia (Figura 6). Já no caso dos CBS, há um crescimento significativo da explicitação de técnicas de produção de dados (Figura 4) ao longo do período analisado, embora em outras variáveis esse processo não seja identificado de maneira intensa (Figuras 2, 3, 5 e 6).

6 É possível que tal tendência se relacione a uma eventual reformulação dos editais de submissão de propostas de trabalho aos eventos. O edital do 19º Congresso Brasileiro de Sociologia (2019), por exemplo, menciona explicitamente a metodologia como um item a ser incluído nos resumos expandidos a serem enviados como propostas. Porém, apesar de relevante, não conseguimos verificar empiricamente a plausibilidade dessa hipótese uma vez que os editais dos eventos anteriores não puderam ser recuperados nos sites da ANPOCS, da SBS ou dos próprios eventos.

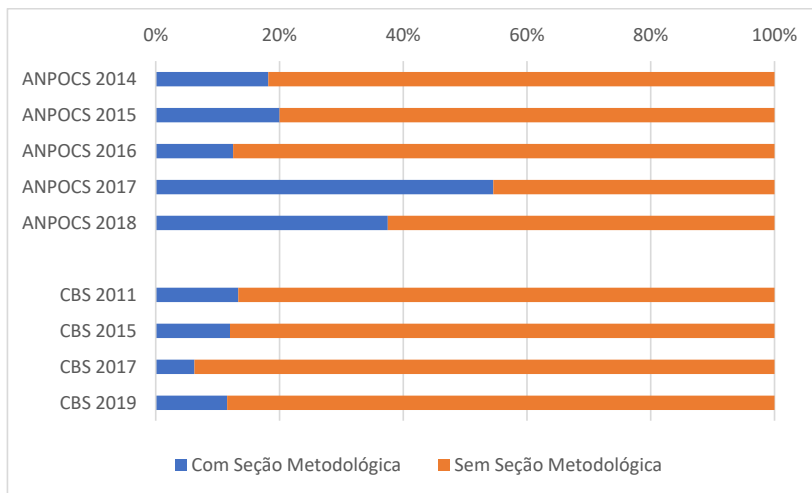


Figura 2 – Presença de seção metodológica por edição de evento

Fonte: Elaboração própria.

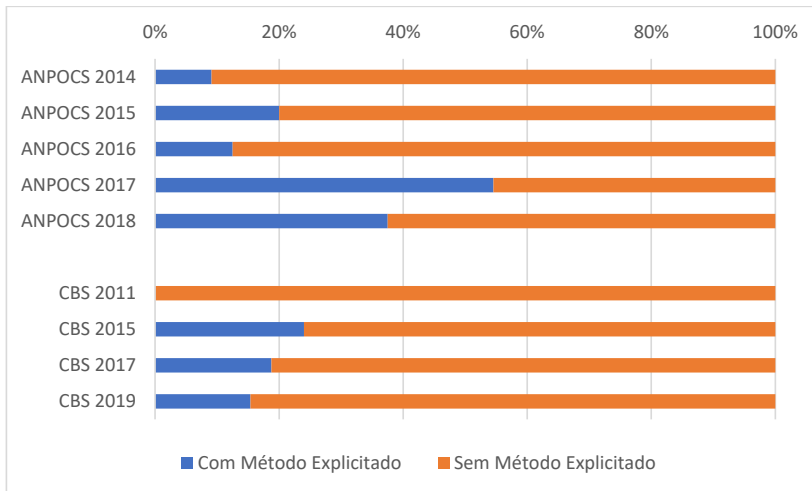


Figura 3 – Explicitação do método por edição de evento

Fonte: Elaboração própria.

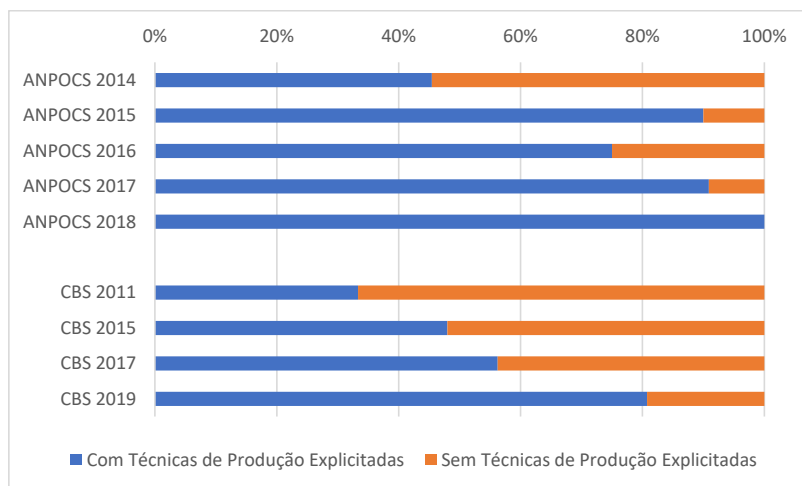


Figura 4 – Explicitação das técnicas de produção por edição de evento

Fonte: Elaboração própria.

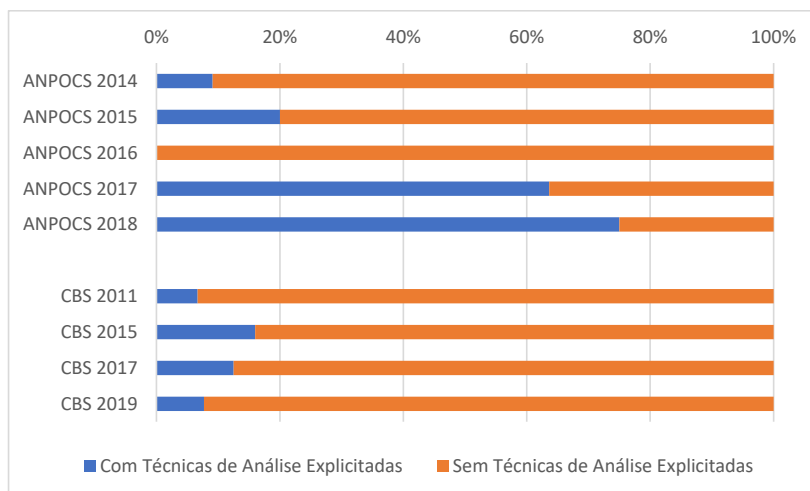


Figura 5 – Explicitação das técnicas de análise por edição de evento

Fonte: Elaboração própria.

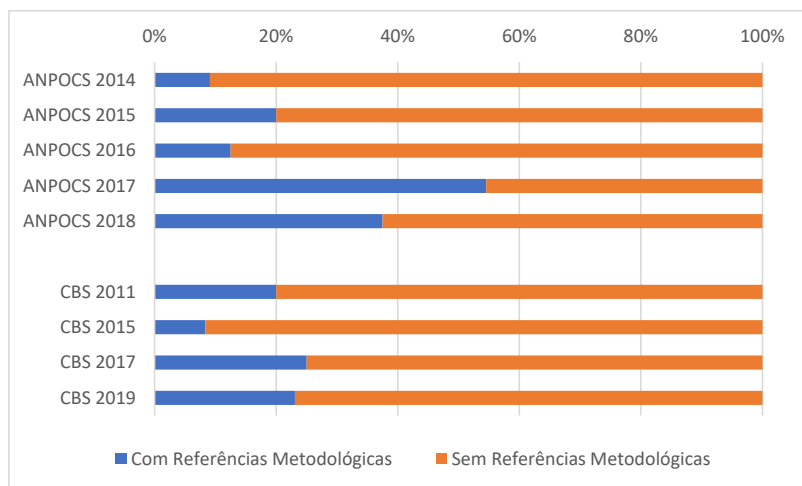


Figura 6 – Presença de referências metodológicas citadas ao longo do texto por edição de evento

Fonte: Elaboração própria.

Construindo desenhos metodológicos: a baixa diversidade do campo

Vimos até o momento que, apesar da tendência de relativo crescimento do espaço dedicado a questões metodológicas, a explicitação das estratégias técnico-metodológicas parece ser ainda uma lacuna nos estudos brasileiros sobre movimentos sociais, aqui apreciados pelos textos apresentados nos GT e ST dos Encontros Anuais da ANPOCS e dos CBS. Doravante, vamos identificar quais tipos de procedimentos metodológicos têm sido mobilizados por investigações sobre movimentos sociais no escopo analisado.

Em linhas gerais, e reforçando a tendência diagnosticada em outros estudos (SZWAKO; DOWBOR; ARAÚJO, 2020), apontamos para uma baixa diversidade, com a concentração da área em estudos qualitativos e no uso das técnicas de entrevista e pesquisa documental. Assim como na seção anterior, não se trata de julgar nem argumentar, com uma régua normativa, que os métodos e as técnicas hoje em dia acionados são melhores ou piores que outros e, por sua vez, menos recorrentes entre os trabalhos

analisados. Se, como acreditamos, a escolha de métodos e técnicas de pesquisa depende da definição do problema e dos objetivos de cada estudo, então é falsa a dicotomia pela qual se busca definir que um tipo específico de abordagem metodológica, qualitativa ou quantitativa, seria “superior” em si mesma. Contudo, supomos que a baixa diversidade metodológica em um campo de pesquisa pode se tornar um entrave para que perguntas de pesquisa que demandem técnicas pouco ou menos recorrentes sejam exploradas. Dessa forma, a prevalência da abordagem qualitativa centrada em determinadas técnicas de produção de dados possui consequências para o alcance das formulações teórico-analíticas.

Em relação ao tipo de artigo apresentado (Figura 7), constatamos a predominância de estudos empíricos originais em ambos os eventos. Cabe ressaltar, porém, a maior recorrência de ensaios no caso dos CBS, já que 22 dos 23 ensaios identificados foram apresentados nesse evento. No que se refere à abordagem adotada pelas investigações (Figura 8), observa-se a predominância em ambos os eventos de estudos qualitativos, embora esse padrão seja mais evidente no caso dos GT dos CBS (dentre os 19 estudos mistos ou quantitativos, 14 foram apresentados na ANPOCS). Já em relação às técnicas de produção, observa-se o predomínio de entrevistas, pesquisas documentais e observações em ambos os casos (Figura 9).

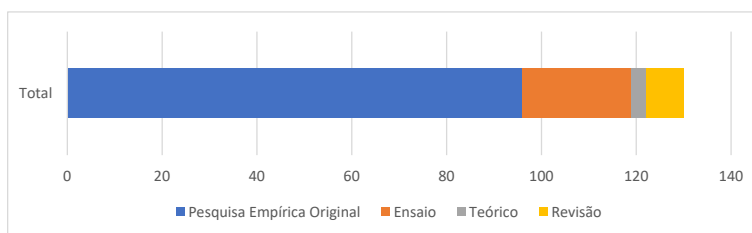


Figura 7 – Tipo de artigo

Fonte: Elaboração própria.

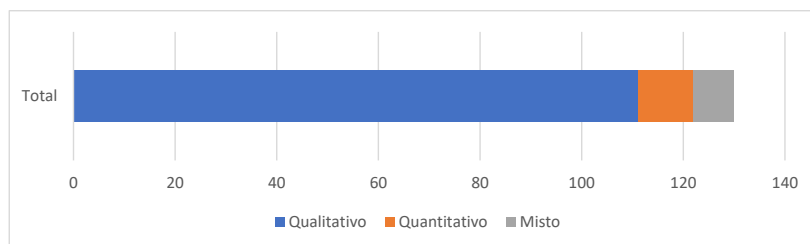


Figura 8 – Abordagem do artigo

Fonte: Elaboração própria.

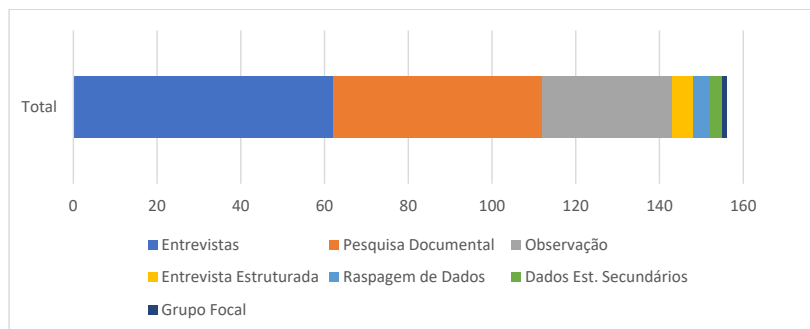


Figura 9 – Técnicas de produção de dados

Fonte: Elaboração própria.

Quando analisados longitudinalmente, os dados sobre essas variáveis não indicam qualquer tendência no sentido da diversificação metodológica. Observamos apenas uma maior diversidade nas abordagens e técnicas de produção de dados no ano de 2017 no caso do Encontro da ANPOCS, sem notar no caso da CBS, quaisquer variações significativas ao longo dos anos.

Os dados sobre métodos e técnicas de análise devem ser analisados com maior cuidado. Conforme indicado em nossa seção metodológica, incluímos aqui apenas informações explicitadas pelas autoras dos estudos analisados. Assim, em primeiro lugar, destacamos que o número de casos para essas variáveis é baixo. Em segundo lugar, a maior recorrência de um método ou de uma técnica de análise explicitada não significa que ela é, de fato, a mais recorrente entre os estudos. Isso ocorre, pois é possível, por exemplo, que

autoras que fazem uso de métodos e técnicas de análise menos recorrentes no campo sintam maior necessidade de expô-las explicitamente. Ademais, é possível que determinadas tradições metodológicas sejam mais rigorosas do ponto de vista da exposição dos procedimentos metodológicos em comparação a outras (o que não implica em demérito do método ou técnica em si). Por exemplo, é possível que a baixa explicitação de métodos e técnicas qualitativas se relacionem ao seu uso tradicional e difundido nas ciências sociais no Brasil, criando a impressão de que sua apresentação é dispensável.

No que se refere à menção aos métodos, observamos que a etnografia é o método explicitado de forma mais recorrente, o que faz jus à tradição do campo etnográfico. Em segundo lugar, aparece a Análise de Eventos de Protesto (AEP), provavelmente explicitado de forma mais recorrente por seu caráter de novidade no campo no período analisado. Cabe destacar, porém, que é provável que alguns métodos estejam subestimados, como o estudo de caso, raramente explicitado.

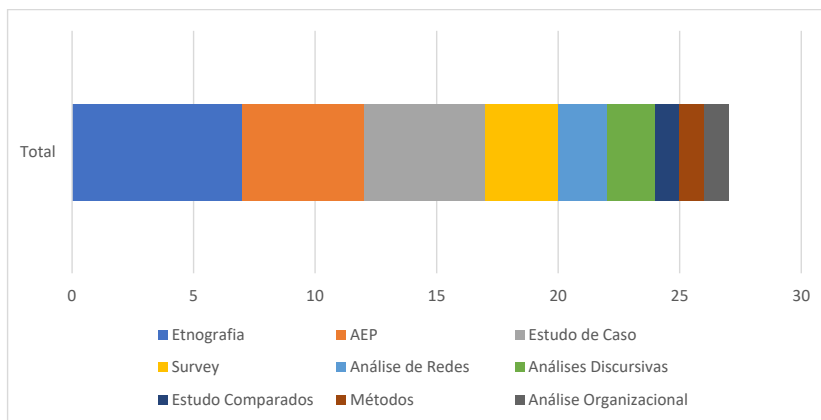


Figura 10 – Métodos de pesquisa

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, em relação aos dados sobre técnicas de análise (Figura 11), destacamos sua maior explicitação no caso dos métodos quantitativos. Dos 31 *papers* que o fazem, apenas 10 se referem às técnicas de caráter qualitativo (análise de discurso ou análise de conteúdo) e as demais dizem respeito aos quantitativos.

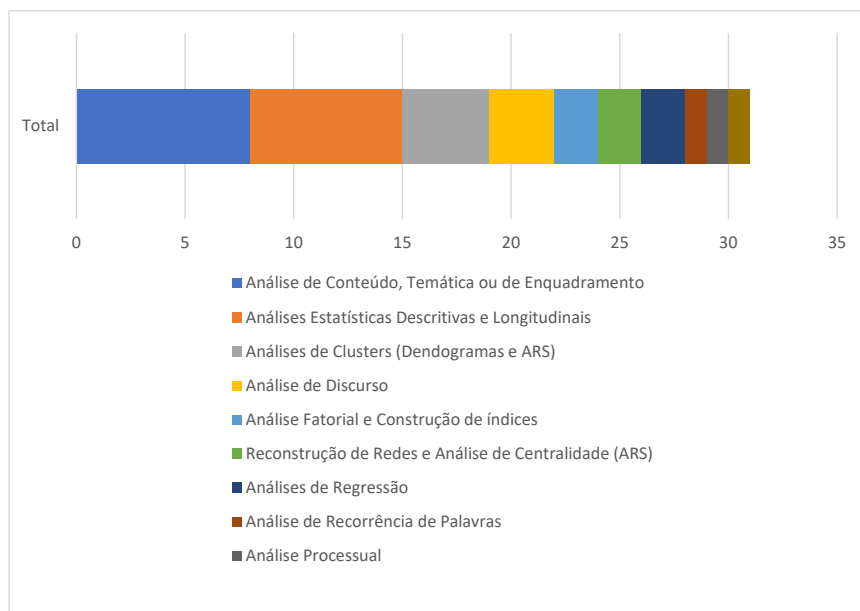


Figura 11 – Técnicas de análise de dados

Fonte: Elaboração própria.

Em resumo, os dados apresentados nesta seção indicam que, apesar da existência de um amplo leque de métodos e de técnicas de investigação disponíveis para as ciências sociais contemporaneamente, os trabalhos analisados estão caracterizados pela alta concentração em um repertório limitado de técnicas e de métodos de pesquisa ou, para dizer de outro modo, são caracterizados pela baixa diversidade metodológica. Os contornos típico-ideais dos artigos presentes nessa amostra são os seguintes: está embasado em abordagens qualitativas; extrai seus dados, primordialmente, de técnicas como entrevista, observação e pesquisa documental; e sua análise se orienta fundamentalmente por procedimentos de análise de conteúdo. Esse é o perfil metodológico do texto que tende a ser encontrado nas discussões sobre movimentos sociais nos CBS e nos Encontros Anuais da ANPOCS. Por outro lado, mas reforçando esse perfil, aqueles poucos artigos que se situam no “campo quantitativo” estão, em sua larga maioria, fundamentados em análises descritivas ou longitudinais. Não deixa de

ser irônico que este próprio artigo esteja igualmente inscrito nessa versão descritiva e limitada das abordagens quantitativas, ainda que ela tenha nos trazido, pela força extraída da descrição a partir das evidências coletadas, a esse perfil típico-ideal da incipiente reflexão metodológica sobre movimentos no Brasil. Ao deixar inquestionada a proeminência da lógica qualitativa nos nossos estudos, receamos que essa área venha perdendo a oportunidade de explorar as potencialidades e as inovações de métodos estatísticos com maior poder de inferência causal, bem como a diversidade de métodos e de técnicas do campo qualitativo.

Considerações finais

Iniciamos este artigo com uma pergunta, exposta em seu subtítulo: quais são os desafios metodológicos para o estudo de movimentos sociais no Brasil contemporâneo? A partir da análise dos dados aqui apresentada, indicamos dois principais desafios. Cabe ressaltar, antes de apresentá-los, que não acreditamos que esses desafios sejam exclusivos do campo de estudos de movimentos sociais e mesmo das ciências sociais como um todo; tampouco acreditamos que eles invalidem as investigações até hoje realizadas, consistindo apenas em direções para o aprimoramento de nosso campo.

Ainda, cabe refletir sobre o viés criado por nossa opção em analisar artigos apresentados em eventos científicos, que tendem a englobar textos em construção e comunicações de pesquisadoras em formação. Dessa maneira, é possível que os desafios aqui identificados sejam mais evidentes nas etapas iniciais de elaboração das pesquisas, que poderiam ser contrastadas às suas etapas finais pela análise de uma amostra de artigos já publicados em revistas científicas.

Em primeiro lugar, acreditamos ser necessário avançarmos em nosso rigor e em nossa transparência metodológica. Partindo do pressuposto de que o método científico é o que diferencia a ciência de outras formas de conhecimento (o que, vale ressaltar, não significa que essas formas de conhecimento sejam menos legítimas), acreditamos que os dados indicam que é necessária maior reflexividade metodológica ao longo da condução de nossas investigações. Ou seja, é necessária constante autovigilância de quem pesquisa, não apenas acerca de seus objetos, mas acerca de suas próprias

escolhas metodológicas – suas potencialidades, seus limites e vieses – e maior transparência acerca dessas questões em textos que comuniquem os resultados das investigações.

Em segundo lugar, acreditamos ser necessário ampliar a diversidade metodológica do nosso campo de estudos. Partimos aqui do pressuposto de que não existem métodos e técnicas que sejam, em si, superiores a outros. Portanto, é no diálogo entre problemas e objetivos da investigação com os procedimentos metodológicos que métodos e técnicas mostram sua utilidade. Contudo, se há uma ordem lógica entre problema e método, do ponto de vista cronológico essa ordem não é tão linear. Ou seja, se é verdade que escolhemos os métodos de acordo com nossos interesses de pesquisa, também é verdade que propomos questões de investigação levando em consideração os métodos e as técnicas de que dispomos. Consequentemente, a baixa diversidade metodológica do campo não é uma questão “meramente técnica”, mas também interfere na diversidade de nossos olhares para a realidade empírica, criando obstáculos para que determinadas questões sejam postas.

Como avançar no que se refere ao rigor, à transparência e à diversidade metodológica? Primeiramente, acreditamos que devemos olhar para a formação de nossas pesquisadoras. É comum que nos currículos de graduação e pós-graduação em nossa área disciplinas metodológicas ocupem espaço secundário quando comparadas às teóricas e que estas últimas não articulem, às discussões conceituais, o debate de abordagens metodológicas capazes de operacionalizá-las. Em estudo recente voltado para a Ciência Política, Lorena Barberia e seus coautores mostraram que houve avanços na ampliação da oferta de disciplinas de métodos e técnicas. Ainda assim,

[...] observa-se que a extensa maioria das disciplinas metodológicas, considerando todos os programas, possui ementas “genéricas” ou são dedicadas a técnicas quantitativas – é notória a pequena proporção de disciplinas voltadas ao treinamento em técnicas qualitativas, a despeito de sua importância e da amplitude de sua utilização na produção científica nacional. (BARBERIA; GODOY; BARBOZA, 2014, p. 175).

Outro achado deste estudo é que as disciplinas metodológicas são ofertadas principalmente por um ou dois docentes, os tais “metodólogos”, o que restringe a articulação entre determinada temática ou teoria e suas

possibilidades metodológicas de investigação. Dessa posição rebaixada e isolada, podem surgir sentimentos de indiferença e desinteresse de discentes em relação a esses debates, trazendo, conseqüentemente, impactos na formulação de seus projetos de pesquisa (BARBERIA; GODOY; BARBOZA, 2014).

Levando em consideração a prevalência da abordagem qualitativa em nosso campo, a ampliação do rigor e da diversidade em seu uso exige uma formação mais aprofundada e ampliada para além da apresentação de um “kit básico” predominante nos cursos, conforme apontado pelo estudo de Barberia, Godoy e Barboza (2014), ao menos no campo da Ciência Política. Trata-se, por exemplo, de introduzir discussões sobre como investigações com baixo número de casos podem contribuir para o desenvolvimento de teorias, quais são as possíveis inferências e as relações causais que podem ser depreendidas dessas pesquisas ou quais são as decorrências da seleção de determinados casos. É necessário, ainda, avançar em direção à apresentação do amplo leque de ferramentas metodológicas disponíveis para pesquisas qualitativas, por exemplo, apresentando métodos como o rastreamento de processos, debatendo conceitos como o de “mecanismos causais”, capacitando os estudantes para o uso de *softwares* de análise qualitativa de dados (os CAQDAS) e apresentando abordagens mistas, tais como a Análise Comparativa Qualitativa (QCA), para eles.

Em segundo lugar, acreditamos que nossos principais espaços e veículos de debate e divulgação da ciência – como os eventos e periódicos científicos – também têm papel fundamental nesse processo. Consideramos que é fundamental o estímulo à discussão de trabalhos metodológicos em GT de eventos científicos, por meio da inclusão dessa temática em suas chamadas e da seleção de artigos dedicados a ela em sua composição final. Da mesma forma, pensamos que a edição de dossiês temáticos e de coletâneas dedicadas a textos metodológicos por periódicos científicos e por editoras acadêmicas pode ter um papel importante para a ampliação do desenvolvimento metodológico do campo em direção a um cenário de maior rigor, transparência e diversidade metodológica.

Referências

- ABERS, R. (org.) **Ativismo institucional**: criatividade e luta na burocracia brasileira. Brasília: Editora UnB, 2021.
- BARBERIA, L. G.; GODOY, S. R.; BARBOZA, D. P. Novas Perspectivas sobre o “Calcanhar Metodológico”: O Ensino de Métodos de Pesquisa em Ciência Política no Brasil. **Teoria & Sociedade**, v. 22, p. 156-184, 2014.
- CANO, I. Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil. **Sociologia**, Porto Alegre, ano 14, n. 31, p. 94-119, set./dez. 2012.
- GURZA LAVALLE, A.; CARLOS, E.; DOWBOR, M.; SZWAKO, J. (org.). **Movimentos sociais e institucionalização**: políticas sociais, raça e gênero no Brasil pós-transição. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2019.
- MURTONEN, M.; LEHTINEN, E. Difficulties experienced by education and sociology students in quantitative methods courses. **Studies in Higher Education**, v. 28, n. 2, p. 171-185, 2003.
- NEIVA, P. Revisitando o calcanhar de Aquiles metodológico das ciências sociais no Brasil. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 79, p. 65-83, 2015.
- NICOLAU, J.; OLIVEIRA, L. Political science in Brazil: an analysis of academic articles (1966-2015). **Sociologia & Antropologia**, v. 7, p. 371-393, 2017.
- PEREIRA, M. M.; SILVA, M. K. Para além dos movimentos sociais: reflexões sobre a literatura brasileira da década de 2010. **Ciências Sociais Unisinos**, n. 58, v. 1, p.11-23, 2022.
- ROSSI, F. (org.). **Oxford Handbook of Latin American Social Movements**. Oxford: Oxford University Press, 2023.
- SAINZ, N.; SILVA, R. da; CODATO, A. Profile Analysis of Political Science Theses and Dissertations in Brazil (2013-2020). *In*: Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política, Goiânia, 13., 2022. **Anais eletrônicos [...]**. Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4565>. Acesso em: 4 jan. 2022.
- SZWAKO, J.; DOWBOR, M.; ARAÚJO, R. A produção de artigos acadêmicos sobre movimentos sociais publicados nos periódicos brasileiros (2000-2017): tendências e inovações. **BIB**, n. 92, p.1-22, 2020.
- SILVA, M. K. De volta aos movimentos sociais? Reflexões a partir da literatura brasileira recente. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 46, n. 1, p. 2-9, 2010.
- THIES, C. G.; HOGAN, R. E. The State of Undergraduate Research Methods Training in Political Science. **PS: Political Science & Politics**, v. 28, n. 2, p. 293-297, 2005.

Recebido em 18/01/2022
Aceito em 06/07/2023
Versão final em 31/07/2023

Methodological Challenges in Social Movement Studies: a review of papers presented at academic conferences in Brazil (2011-2022).

Abstract

In the past years, the field of studies about social movements in Brazil has been revitalized through new empirical and theoretical problems. Given this context, this paper presents the following questions: which research methods and techniques have been mobilized by social movement scholars and how they have been presented and discussed in the academic production on this subject? What are the methodological challenges for the study of social movements in contemporary Brazil? To answer these questions, this paper presents a systematic review of the texts presented in research committees dedicated to this subject during the Annual Meetings of ANPOCS and the Brazilian Congresses of Sociology between 2011 and 2020. The results show that the analyzed papers tend to be characterized by low transparency in the description of methodological choices and by low methodological diversity, focusing on qualitative approaches and prioritizing the use of observation, documental research, and interviews as research techniques.

Keywords: Methodology. Social movements. Methods. Techniques.